PINTURAS RUPESTRES E REPRESENTAÇÕES NO OESTE DO ESPINHAÇO SETENTRIONAL DA BAHIA

José Antônio de Sousa[*]

RESUMO

O presente trabalho: *Pinturas rupestres e representações no Oeste do Espinhaço Setentrional,* apresenta algumas notas de pesquisas realizadas em campo, com a coleta de dados oriunda das observações *in loco* dos painéis pictóricos, da revisão de literatura, das anotações na ficha de registro de sítio arqueológico e nos registros fotográficos. Destacamos como linhas de investigação: os modelados geológicos, as distintas formas de ocupação, seja em abrigos sobre rocha com pouca entrância, paredões, matacões, situados em áreas de caatinga ou de matas de transição do contato cerrado. As pinturas rupestres são vestígios de cultura visual e material, marcas, sinais simbólicos significativos da presença ancestral das populações pretéritas, que desde as Terras Baixas ao Sul da América, ocuparam o Espinhaço Setentrional a partir dos diferentes vetores de expansão das migrações e dispersões pelos territórios.

Palavras-chave: Pinturas rupestres, representações, ancestralidade, Espinhaço Setentrional.

ABSTRACT

This study: Cave Paintings and Representations in the Western Part of the Northern Espinhaço, presents some notes from field research conducted through data collection derived from on-site observations of the pictorial panels, a review of the literature, notes in the archaeological site record forms, and photographic records. We highlight the following lines of investigation: geological formations, and the distinct forms of occupation, whether in rock shelters with limited entry, cliffs, or large boulders, located in areas of caatinga or transitional forests bordering the Cerrado. The rock paintings are vestiges of visual and material culture marks and symbolic signs significant of the ancestral presence of past populations, who, from the Lowlands to the south of South America, occupied the Northern Espinhaço along the various routes of expansion resulting from migrations and dispersals across these territories.

Keywords: Cave paintings, representations, ancestry, Northern Espinhaço.

[*] Doutorando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGH/UFJF). Membro do Laboratório de Patrimônios Culturais (LAPA). E-mail: sousasjoses@gmail.com.

Arqueologia, pesquisa e documentação

Estas notas de pesquisa apresentam alguns sítios arqueológicos com pinturas rupestres localizados na face Oeste do Espinhaço Setentrional da Bahia, especificamente, a unidade geológica do Vale do Paramirim, ainda pouco investigada. Enquanto que a face Leste, Chapada Diamantina, conta com um volume mais amplo de trabalhos de interpretação, gestão e conservação dos sítios arqueológicos de arte rupestre, sendo, portanto, mais conhecidos e conservados. As pinturas em análise estão localizados em serras, paredes, abrigos e matacões, como ambientes que guardam vestígios dos grupos humanos do pretérito no município de Macaúbas, Bahia. Estes sítios rupestres se encontram desprotegidos, com muitos painéis em avançado estado de degradação, sobretudo por fatores naturais, manchas, desplacamentos e a ausência completa de ações de intervenção para mitigação desses efeitos da ação natural. Este artigo, ao apresentar os sítios e as pinturas, não só cumpre com a produção e a divulgação do conhecimento, mas acaba por coar como um grito de socorro.

Quanto aos objetivos desta investigação, desde o início da concepção dos trabalhos, ao menos três objetivos fundamentais foram delimitados. Em primeiro lugar, dar continuidade, fortalecer e ampliar as pesquisas sobre esse objeto em análise. Em segundo lugar, documentar as pinturas por meio de observação, contemplação, registros fotográficos, descrições das imagens por meio das fichas de registro e produção de textos, a partir de pontos de vista do observador-pesquisador. Por isso, os documentos que vêm sendo produzidos são meros fragmentos da totalidade de um fenômeno mais amplo, complexo e, por vezes, inatingível ao observador-pesquisador, daí a importância da ampliação das visitas, observações, descrições e correlações com outros objetos, conceitos e abordagens. Desse modo os sítios devem ser avaliados sob diferentes óticas. Cabe destacar a necessidade do cruzamento destes pontos de vista, os distintos objetos e hipóteses, conferindo diferentes resultados.

Quanto aos procedimentos metodológicos empregados nestas investigações, destacamos: a pesquisa de campo e a Revisão de Literatura. Quanto ao método da Pesquisa de Campo, grosso modo, caracteriza-se pela realização de ações *in loco*. A pesquisa de campo, aplicada à coleta de dados em sítios arqueológicos de arte rupestre, se aproxima da modalidade quantitativa-descritiva, pois objetiva testar hipóteses, avaliar questionamentos, a exemplo dos tipos de representações gráficas, estado de conservação, correlações entre unidades estilísticas, entre outras variáveis. Nessa modalidade e método,

busca-se a coleta de dados a partir do registro de imagens e descrições dos grafismos. Essa coleta é guiada por formulário, que denominamos de *Ficha de Registro de Sítio Arqueológico*. A pesquisa se inicia com a observação e contemplação dos sítios; estabelecimento de um código para o sítio; definição, localização e divisão de um dado painel em setores; a localização dos grafismos em um dado setor, a codificação dos setores, visando à identificação e elaboração de tabelas de classificação. O preenchimento da ficha se inicia com informações básicas como localização do sítio, descrições dos painéis e grafismos, medição do tamanho das figuras, estado de conservação, medidas de intervenção para mitigação de danos, etc.

Em relação à revisão de literatura, trata-se da definição dos fundamentos teóricos, as linhas que conduzem à argumentação por meio de hipóteses e problemas no entorno do objeto da pesquisa. De acordo com (SILVA E MENEZES, 2005: 1), esse método nos conduz a uma operação de "mapeamento de quem já escreveu e o que já foi escrito sobre o tema". (GONÇALVES, 2021: 17) ponderou que "o Levantamento de Literatura é a localização e a obtenção de documentos para avaliar a disponibilidade de material que subsidiará o tema do trabalho de pesquisa".

A Revisão de Literatura, é uma atividade ampla e complexa, levando em consideração as diferentes fontes e sua natureza, os locais de coleta, o tipo de produção e sua publicação em diferentes meios, como artigos, relatórios, dissertações, teses, livros, capítulos, impressos ou digitais. Gonçalves (2021) destaca que essa busca pelas fontes pressupõe o "registro de documentos" e a compilação de dados. Ao discutir esse método, (SOARES, 2025: 6) destaca que, no contexto da produção científica atual, "a revisão da literatura constitui um componente essencial do método científico, funcionando como ligação entre o conhecimento acumulado e a formulação de novas investigações, novos questionamentos".

Ainda de acordo com (SOARES, 2025:7), é fundamental "compreender os tipos e classificações de revisões científicas torna-se imprescindível para orientar o percurso metodológico adequado à pesquisa", assim sugeriu algumas modalidades de Revisão de Literatura, como a Revisão de Narrativa, que visa uma interpretação crítica, e a Revisão Integrativa, que se apresenta como uma estratégia "que busca integrar e sintetizar o conhecimento teórico e empírico existente sobre determinado fenômeno", (SOARES, 2025: 7), combinando questões norteadoras, extração, organização e sistematização de dados. Cita-se

ainda outras modalidades, como a Revisão de Escopo e Revisão Sistemática, cada uma com seus níveis que envolvem pergunta norteadora, mapeamento, extração de dados e avaliação crítica.

No que concerne aos referenciais teóricos, destacamos primeiramente os conceitos de América pré-colonial ou Brasil pré-colonial, para demarcar o estudo das temporalidades no campo da ciência histórica. No que tange à ciência da geologia, para o estudo das rochas, estudo por excelência do suporte rochoso, onde constam as pinturas, temos uma outra categoria de tempo, com escalas mais profundas e obtidas por meio de outros métodos de análise e datação. Ao estudarmos o Espinhaço Setentrional, iremos observar neste paleoespaço as referências aos períodos e idades das rochas, conforme diversos autores, entre eles Shobbehaus (1996), Medeiros (2013), Caxito (2008) ou Guimarães (2019). Nos estudos arqueológicos, há uma clara relação entre paisagem, ocupação humana e grafismos rupestres, como evidências do pretérito, de certo que se desenvolveram na arqueologia os conceitos de "paisagem". Para o conceito de "arte rupestre" aplicado ao contexto dos grafismos rupestres do Oeste do Espinhaço Setentrional, destacamos os trabalhos desenvolvidos por Etchevarne (2007).

Um dos principais conceitos no campo da arqueologia, é, sem dúvida, o de "tradição", recorrente em diversos autores como Caldeirón (1967), Meneses (1983), Martin (1996), Etchevarne (2007), Prous (2007), entre tantos outros, ao sistematizarem as pinturas. A esse respeito, iremos desenvolver a noção deste conceito por meio do estudo das tradições Realista-Simbolista, Nordeste, Agreste, São Francisco, Geométrica, Astronômica ou Cosmológica, entre outras. Nas pesquisas arqueológicas na Serra da Capivara, no Piauí, é importante destacar alguns métodos e conceitos de identificação e sistematização de pinturas rupestres, como: "perfil gráfico" e "identidades gráficas", desenvolvidos por Pessis (2003). Outros conceitos como "estilo", "unidades estilísticas", "sobreposição" auxiliam as visões e interpretações.[1]

[1] Os estudos arqueológicos amparados nos conceitos de tradições, unidades estilísticas e perfis gráficos, ainda que apresentem generalizações e imprecisões, oferecem infinitas possibilidades de abordagem sobre os processos de produção e transmissão de práticas culturais. Ver os trabalhos de Anne-Marie Pessis, Niede Guidon, sobre as Identidades gráficas nos registros rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil. O polêmico trabalho: As ocupações pré-históricas do Brasil (excetuando a Amazônia), de Niede Guidon. A pesquisa: Registros rupestres: perfil gráfico e grupo social. Os trabalhos: Chapada Diamantina: o patrimônio arqueológico de pinturas e gravuras rupestres; as particularidades das expressões gráficas rupestres da tradição Nordeste, em Morro do Chapéu, Bahia, análises feitas por Carlos Etchevarne.

Estas notas de pesquisa fazem parte dos trabalhos desenvolvidos no município de Macaúbas a partir do ano de 2007 com os projetos de pesquisa arqueológica vinculados ao programa *Cadastro Nacional de* Sítios Arqueológicos, do Centro Nacional de Arqueologia, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, dos documentos extraídos da plataforma, a exemplo dos sítios cadastrados no município de Macaúbas e, que são e foram fundamentais para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Paisagens da Pré-História do Nordeste do Brasil: documentação dos grafismos pictóricos em sítios arqueológicos do Espinhaço setentrional e Chapada Diamantina Meridional. Macaúbas – Bahia.* Desenvolvido na Universidade Federal de São João Del Rei, defendido em abril de 2020, no âmbito do curso de especialização em história, *Mundos Nativos: Saberes, Culturas e História dos Povos Indígenas,* sob a orientação do Professor Dr. Leonardo Christian Rocha. De modo que esse trabalho dialoga com a História e a Arqueologia.

O mote *Paisagens da Pré-História do Nordeste* partiu da disciplina de pré-história da América e da história do Brasil pré-colonial da época da graduação. Foi durante este curso de especialização que reascendeu a necessidade de nos voltarmos aos estudos sobre o Oeste do Espinhaço Setentrional, ainda muito pouco estudado, quando cursava a disciplina *Arqueologia e as Artes Indígenas – Das paisagens ancestrais ao Brasil contemporâneo,* ministrada pelo Professor Dr. Cristiano Lima. Portanto, o trabalho surgiu a partir destes projetos e disciplinas e das possibilidades em desenvolver as hipóteses sobre o problema da conservação dos sítios arqueológicos, frente a um quadro e realidade marcada pela ausência total de qualquer política pública nas áreas de educação, meio ambiente e cultura.

Até o ano de 2018, quando iniciamos esse trabalho, no que se refere à pesquisa acadêmica e ao campo da arqueologia, as ações se resumiam ao cadastramento dos sítios, realizado por Carlos Etchevarne e Fernando Bonetti e suas equipes. Consideramos esses cadastros marco inaugural da arqueologia científica no município de Macaúbas. Em 2018-2020, desenvolvemos o trabalho de conclusão de curso na UFSJ, aqui já citado. Ainda em 2018 ocorreu o projeto de extensão universitária, “Práticas Arqueológicas em Comunidade: ação curricular em comunidade e sociedade”, do Laboratório de Arqueologia da UFBA, utilizando as ferramentas e experiências do Grupo de Pesquisa, Bahia Arqueológica, sob coordenação do Prof. Carlos Etchevarne, com a colaboração de Alvandyr Bezerra e os acadêmicos-monitores, Jean Silva Sousa e Camila E. Fonseca de Souza, onde foram realizadas diversas intervenções importantes.

As ações foram desenvolvidas no município de Macaúbas, com atividades de visita guiada em alguns sítios, com o objetivo de promover o conhecimento e preservação da arte rupestre, bem como buscar uma sensibilização para com os valores históricos, culturais e artísticos, dando subsídios para um programa de visitação turística em três sítios arqueológicos: Pé do Morro, Carrapato e Pajeú. Foram realizadas ações na Escola Municipal do Pajeú, Escola Família Agrícola do Pajeú e no Colégio Estadual Cônego Firmino Soares, com diversas intervenções de Educação Patrimonial, por meio de oficinas de escavação, pintura, identificação de objetos, distribuição de cartilha, poema arqueológico, confecção de banners e palestras. Como resultado deste trabalho, foi elaborada a publicação: **"**Arqueologia, um caminho para a arte rupestre: representações gráficas encontradas em abrigos, lajedos e paredões rochosos". De acordo com Carlos Etchevarne:

> os programas de Educação Patrimonial contribuem para diminuir o distanciamento das comunidades tradicionais em relação aos sítios arqueológicos, proporcionam a sensibilização desses locais como bens coletivos. Logo, a expansão da prática arqueológica para além dos muros da universidade possibilita a divulgação dos sítios arqueológicos na sociedade civil e fomenta a criação de projetos sócioculturais que auxiliam na preservação e utilização consciente desses locais (ETCHEVARNE, 2018:123-29).

No campo da Arqueologia das artes rupestres, temos dois tipos importantes classificados, ambos como técnicas desenvolvidas em suportes rochosos. O primeiro, mais comum, é identificado como grafismos pictóricos, que compreendem a técnica de adição de pigmentos. Enquanto que as gravuras, compreende a retirada de material do suporte rochoso por meio de incisões ou picoteamento. Outro tipo de grafismo, com menor ocorrência encontrado nos sítios arqueológicos, são os traços com uma técnica de desenho em *crayon*.

Algumas perguntas norteadoras surgem neste trabalho, compondo as hipóteses da pesquisa. O estudo das pinturas rupestres é, por definição lógica, um campo que, mesmo com evidências materiais dos conteúdos pintados, as informações sobre quem as produziu se encerram nas hipóteses, não cabendo explicação a partir de visões deterministas sobre os grupos humanos e suas sociabilidades na pré-história, ou visões antropológicas e culturais para aquelas sociedades muito diversificadas

e recuadas de nosso tempo. Essas questões, longe de serem respondidas, não temos a menor pretensão em responder; outrossim, nos servem como uma coordenada para as reflexões.

Nesse sentido, nos perguntamos: que história ancestral é essa, expressa nos grafismos rupestres? Como se deu o processo das ocupações históricas no Oeste do Espinhaço Setentrional? Quem eram os pintores e de onde vieram? Como e por que pintavam nas rochas? Como eram produzidas as tintas e o que contêm esses pigmentos? É possível fazer afirmações sobre os conteúdos dos grafismos rupestres? Quais as características geológicas dos suportes grafados? A quais tradições culturais, podemos correlacionar os grafismos da região em questão, com base no conceito e classificação das tradições na arqueologia? O que as pinturas rupestres podem nos ensinar? Qual é o estado de conservação dos painéis pictóricos? Quais as intervenções e medidas de conservação já foram aplicadas naqueles sítios? O que pode significar a perda dos vestígios em sítios arqueológicos rupestres? Qual a importância em documentar exemplares do acervo da arte rupestre? Como estudar, investigar, interpretar, documentar e sistematizar um acervo arqueológico visando à criação de um banco de dados, voltado à pesquisa, divulgação, gestão e conservação?

Esse trabalho está organizado em três partes: na primeira parte, apresentamos a tópica: *Arqueologia, pesquisa e documentação*. Na segunda tópica, tratamos brevemente sobre: *O Oeste do Espinhaço Setentrional na Bahia como referência geoespacial.* A seguir, fazemos algumas *considerações preliminares sobre a arte rupestre: conceitos e interpretações preliminares.* Na quarta tópica, apresentamos os sítios arqueológicos de arte rupestre no Oeste do Espinhaço Setentrional. Por fim, elaboramos o exercício de correlação dos grafismos rupestres com algumas tradições arqueológicas consolidadas no Brasil. No decorrer e avanço das pesquisas, seria possível sistematizar uma nova tradição baseada em suas particularidades locais?

O Oeste do Espinhaço Setentrional na Bahia como referência geoespacial

Entendemos ser importante reunir nesta tópica, brevemente, uma menção sobre o supergrupo do Espinhaço Setentrional,[2] em específico a unidade geológica do Vale do Paramirim, face Oeste do Espinhaço Setentrional, seja como uma referência geoespacial, fundamental para a caracterização dos ambientes e paleoespaços do Oeste do Espinhaço

[2] (DRAPER, 1920); (MORAES REGO, 1931); Dominguez & Rocha (1989); (SCHOBBENHAUS, 1993); (Uhlein e Chaves 2001); (GUIMARÃES, *et al.*, 2019); (ALVES, 2008); (CAXITO, 2008).

e para o estudo das correlações teórico-metodológicas do universo dos grafismos que integram esses ambientes naturais e as ocupações pretéritas. Em 2013, Karla Olindina P. Medeiros defendeu a dissertação de mestrado, intitulada: *Estratigrafia de sequências do Supergrupo do Espinhaço na região entre Macaúbas e Canatiba – Bahia*. A autora nos lembra que a Serra do Espinhaço recebeu este nome pelo geólogo alemão Ludwing Von Eschwege, no século XIX, numa referência explícita de sua variação longitudinal e estreita como uma espinha, segundo (MEDEIROS, 2013:17).[3] Sobre o Espinhaço Setentrional, um dos:

> principais domínios geomorfológicos o Vale do Paramirim, onde estão instaladas as sedes municipais de Boquira, Macaúbas e Oliveira dos Brejinhos e a porção setentrional da Serra do Espinhaço. A região exibe uma paisagem exuberante, com uma geometria de vales e cristas dispostas paralelamente refletindo um alto controle estrutural. As altitudes variam entre 400 m e 600 m nas planícies e em torno de 800 m nos morros do domínio do Vale do Paramirim (MEDEIROS, 2013:15).

O Supergrupo do Espinhaço Setentrional, "é discutido por Draper, (1920), Moraes Rego (1931), Sá, *et al*. (1976), Brito Neves, *et al*. (1979)", de acordo com (GUIMARÃES, 2019: 29). Na Paleontologia, às serras do Espinhaço Setentrional, guardam importância científica quanto as características paleoecológicas, formadas por uma diversidade de paleoespaços e paleoambientes. Na arqueologia, os estudos sobre a Pré-História da América, são marcados pelas teorias das ocupações pretéritas, das migrações e dispersões humanas ou as teorias sobre o refúgio de animais e fauna, entre outras. A formação e a diversidade geodinâmica da Serra do Espinhaço Setentrional, resultam do seu processo de rifteamento, que, ao longo da História Geológica, deu origem à formação dos planaltos. De acordo com (SCHOBBENHAUS, 1996:265), "A estruturação do rift Espinhaço nos estados da Bahia e Minas Gerais, está ligada à fase extensional no final do Paleoproterozóico (1800-1700 Ma) e ocorreu ao longo das falhas NS e NW-SE".

Também conhecido como Supergrupo do Espinhaço, essa formação geológica divide-se em Planalto Meridional, que compreende o Estado de Minas Gerais, tendo como referência a região do Quadrilátero

[3] MEDEIROS, Karla O. Pacheco de. Estratigrafia de sequências do Supergrupo do Espinhaço na região entre Macaúbas e Canatiba – Bahia. 2013. 109f. (Dissertação) – Universidade Federal da Bahia, Pós-Graduação em Geologia, Salvador, 2013.

Ferrífero, e o Planalto Setentrional, situado na região central do Estado da Bahia, tendo como referência as faces Oeste no Vale do Paramirim e Leste na Chapada Diamantina. Os limites estendem-se até o Piauí e Pernambuco. As diferentes altitudes, a diversidade de rochas, formação vegetal e fauna, as espécies taxonômicas com ocorrências endêmicas, guardam uma biodiversidade e potencial científico ainda pouco explorado. A Serra do Espinhaço é um patrimônio da biodiversidade e da cultura sua extensão é marcada pela geodiversidade.[4]

Os escritos sobre *A geologia entre Macaúbas e Canatiba (Bahia) e a evolução do Supergrupo Espinhaço no Brasil Oriental*, trazem algumas especificidades, aspectos característicos para a geologia dos suportes do Supergrupo do Espinhaço. Assim, aproximamo-nos do contexto paleogeográfico em que estão representadas as artes pictóricas, formando as paisagens geológicas da pré-história do Nordeste. Neste sentido, os sítios arqueológicos inseridos na Serra do Espinhaço Setentrional, como nas formações do Pajeú, Serra da Vereda, Serra do Carrapato, no território do município de Macaúbas, região Oeste do Espinhaço Setentrional, podem ser contextualizados conforme as descrições de (CAXITO *et al*., 2008:12-14) e Schobbenhaus (1996).

Com base em análises de microscopia ótica, microscopia eletrônica e o método da catodoluminescência e seus indicadores, (CAXITO, *et. al,* 2008:17) caracterizam a região entre Macaúbas e Canatiba, como pertencente ao contexto geológico que abrange quase todo o pacote estratigráfico do Supergrupo Espinhaço / parte setentrional, onde as rochas são compostas por minerais como: quartzos, dumortierita, muscovita, fosfatos hidratados de alumínio, goyazita, fosfato de estrôncio, alumínio, zircão, monazita e xenotima. “Sua gênese é admitida como o produto do metamorfismo de fácies xisto-verde sobre um protólito sedimentar rico em boro, provavelmente depositado sob clima árido em um ambiente do tipo sabkha, ou seja, uma planície de evaporação costeira”, (CAXITO, *et. al*., 2008:19).

A Serra do Espinhaço é uma cordilheira, espécie de corredor paleoecológico, formado por distintos paleoespaços e ambientes, onde estão escritos a saga das populações pretéritas e suas dispersões no território. No município de Macaúbas, podemos encontrar diversos

[4] Para um estudo mais alongado de suas unidades e grupos ver: SOUSA, José Antônio de. Proposta inicial de sistematização de estudos arqueológicos de arte rupestre realizados no Leste-Oeste do espinhaço setentrional da Bahia. In: Perspectivas em Educação [livro eletrônico]: outros horizontes. (org.) Lucas da Silva Martinez. Foz do Iguaçu-PR, CLAEC e-Book, 2024.

conjuntos de painéis gráficos em abrigos sobre rochas, em espaços de poucas e limitadas entrâncias. As topografias dos abrigos sob rochas, das populações do Espinhaço, (Figuras 1, 2 e 3), apresentam bases de vertentes, ao longo de paredes e matacões com estruturas geológicas areníticas e de quartzitos, em altitudes mais suaves em torno de 500 a 600 m ao nível do mar, espaços ocupados pelos nossos primeiros caçadores-coletores, pintores, em exercícios de sedentarização.

Figuras 1, 2 e 3 – Sítios arqueológicos, Lagoa do Mato e Pajeú



Fonte: Acervo pessoal do autor

A formação dos paleoclimas em regime de aridez e subúmidos apresentava microclimas entre os diferentes espaços, formando áreas transicionais entre os remanescentes de florestas tropicais de cerrado, transformadas em savanas/matas em regiões de planalto, e a predominância de planícies de caatinga com destaque para a vegetação caducifólia, para as espécies típicas de savana-estépica, predominando a caatinga, com as plantas xerófitas, arbustos de juazeiro, barriguda, angico e plantas da família das cactáceas, como os caroás, xiquexique, macambiras e mandacarus (figuras 4, 5 e 6).

Figuras 4, 5 e 6 – Sítio Arqueológico Lagoa do Mato.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Essas formações ambientais possibilitaram aos grupos humanos pré-coloniais, em períodos distintos e sazonais, a oferta de recursos ecológicos em redutos de florestas e recantos faunísticos, habitados por quadrúpedes, pernálticos, artrópodes, entre outras formas de vida, que supomos constarem nas representações naturalistas-realistas nos sítios

arqueológicos da Serra do Carrapato, Pé do Morro, Pajeú. Palmilhando e percorrendo planícies mais cálidas de campos abertos, adentrando em leitos de rios e riachos, sob um clima mais temperado, os autóctones superavam sopés e topos de serras, como no Sudeste do Piauí.

Nossos ancestrais circularam em diferentes espaços, ocupando lugares de reentrâncias que ofereciam abrigos em paredes e matacões, interagindo e transformando os espaços naturais americanos para os seus habitats, espaços de manifestações de arte e técnica, dos seus viveres, lazer e experiências ritualísticas. Os vestígios da cultura material observados por meio do modelo artístico-técnico pictográfico estão expressos nos modelados das paisagens naturais ancestrais dos sítios arqueológicos. São importantes representações das relações homem-natureza, seus localismos por meio dos grafismos rupestres.

Considerações preliminares sobre a arte rupestre: conceitos e interpretações

Ao conferir importância à arte rupestre como uma vertente para as origens das artes plásticas e gráficas no Brasil, Luiz Galdino discute como as artes das cavernas romperam o preconceito e descrédito para alcançar uma posição de destaque. A existência de manifestações culturais dessa arte em todo o globo, seja em Altamira, Lagoa Santa, Chapada Diamantina, permitiu as conexões, devido a semelhanças em seus padrões globais, ou seja, o registro dessas manifestações em abrigos e ao ar livre, sejam pinturas e gravuras. “A magia manifestou-se em todo o mundo primitivo, o mesmo sucedeu com a arte que lhe servia de instrumento; e o Brasil não se furtaria a essa realidade”, ponderou (GALDINO, 2011: 10). A arte rupestre representa as diferentes formas de manifestações culturais, a interação dos grupos humanos pretéritos, a partir das pinturas e gravuras, como sinais, vestígios da cultura material e visual, repleta de símbolos.

São, portanto, manifestações artístico-culturais e ritualísticas, portadoras de mensagens e códigos que compõem um sistema de representações simbólicas, cuja utilidade circunscreve-se em valores subjetivos dos diferentes grupos humanos pré-coloniais, seus distintos lugares, valores e necessidades cotidianas. São obras coletivas que nos remetem a uma forma de conhecimento e história ancestral. Advertimos, conforme a literatura especializada, que não é possível atribuir significados para os eles, por se tratar de outras cosmovisões, as quais não temos ancoragem. São sinais que formam sistemas gráficos, portadores de um conhecimento e da transmissão de suas técnicas, elaboradas por distintos grupos sociais (ETCHEVARNE, 2007:11).

Essas manifestações culturais foram sendo estudadas, problematizadas e diferentes arqueólogos lhes atribuíram conceitos, seja como tipo, estilo ou perfis gráficos. A partir desta leitura desdobram-se os conceitos de unidades estilísticas e tradição. Segundo Carlos Etchevarne, é irrelevante descrever possíveis significados. As imagens rupestres transmitem eventos, cenas, fenômenos naturais, experiências e fatos sociais, territórios, o mágico, o sagrado, suas ritualizações e tradições míticas.

Dissertando sobre *A arte no período pré-colonial,* Ulpiano Bezerra Meneses discute alguns problemas relacionados às definições e especificidades de categorias de objetos artísticos e artistas. Um primeiro problema diz respeito às inadequações em presumir a atividade artística, em classificar produtos e generalizar fenômenos e contextos. As observações sobre esses problemas são importantes na tarefa de evitar leituras reducionistas e suas deformações (MENESES, 1983:21). Tratando as pinturas rupestres como uma das categorias da arte na pré-história do Brasil, disserta sobre o caráter simbólico, representativo, técnico e funcional no repertório de manifestações de formas e soluções.

Problematizando sobre as interpretações da arte rupestre, (MENESES, 1983) traz esclarecimentos importantes, como o estabelecimento de funções unívocas, transposição de significados e usos, associações contextuais, datações e os possíveis valores simbólicos, pois o objeto artístico é atravessado por metamorfoses de sentidos e situações na compreensão de seus aspectos característicos e específicos. As definições de categorias devem ser pautadas pela distinção de critérios sobre usos, mudanças e circunstâncias. É preciso levantar elementos para suas respectivas definições, como a "gramática" das formas dos grafismos rupestres, documentação, análise de materiais, num contexto anterior ao contato com o mundo ocidental (MENESES, 1983:21).

Sobre os conteúdos ou formas de representações, considera-se o caráter subjetivo, a exemplo do aspecto estético iconográfico, por vezes destacado pelos pesquisadores, chamando atenção para o caráter enigmático, como códigos subjetivos de distintos grupos sociais e épocas. Percebe-se assim a importância dos estudos regionais junto aos avanços com as análises e estabelecimento de relações culturais em sequências crono-estilísticas, contextos de produção, técnicas e suas correlações, nas tentativas de sistematização das representações rupestres à luz do estudo das tradições, diante de um quadro geral de referências conceituais cujas concepções sistematizam as artes rupestres em classificações genéricas como as formas naturalistas, abstratas, esquemáticas, orgânicas, realistas, inorgânicas ou conceituais.

Os traços, linhas, pontos e formas, observados nos sítios arqueológicos, parecem formar áreas e superfícies, como círculos, nem todas as representações zoomorfas das diferentes tradições são preenchidas, ou mesmo têm uma área contornada, comportando observações sobre o significante das técnicas e suas elaborações, limitações sobre a presença e ou ausência de tratamento, a exemplo de possíveis contornos ou mesmo a presença e ausência de grafismos que ligam entre si, talvez com o objetivo de promover um fato do cotidiano, como uma cena de caça, observação dos astros. Sobre o conteúdo e motivos pintados, percebem-se nos estudos arqueológicos os avanços na problematização, os esforços de imaginação sobre as marcas da presença humana no ambiente. As leituras das representações devem ser permanentes. Para tanto, sem produzir esquemas objetivos e homogêneos, como destacou Ulpiano Meneses. Desde então, o estudo das tradições, das concepções de tipo, estilo, perfil gráfico e unidades estilísticas vem contribuindo para a consolidação do campo.

As pictografias possuem caráter variado. Como documentos, "arquivos visuais", como ponderou disse Nìede Guidon, atestam as heranças ancestrais e como marcas de uma memória social dos grupos humanos pretéritos. Esses documentos nos permitem refletir sobre a arte de representar, de imaginar, pondo limites a uma realidade, por meio do pensamento e das experiências individuais e coletivas, ao darem destaque ou mesmo sendo a própria arte um instrumento que reflete suas crenças mágicas, suas cosmovisões, como ponderou (ETCHEVARNE, 2007:11), representar determinadas coisas por meio de uma imagem figurativa e ou abstrata materializada. Nessa mesma linha, André Prous advertiu sobre "procurar uma única chave para todas as manifestações gráficas e plásticas pré-históricas" (PROUS, 2007:16), como sendo uma tarefa inútil, pois os povos, em sua diversidade, tinham "preocupações específicas e criaram estilos independentes" (PROUS, 2007:16). Ao se referir sobre às constelações nas representações rupestres, (GALDINO, 2011:72) advertiu, pois as diferentes necessidades e sistemáticas resultavam em diferentes formas. Outros aspectos a serem considerados sobre os grafismos dizem respeito aos motivos pintados, uma leitura dos possíveis elementos representados, sejam naturais, humanos, animais, vegetais e figuras abstratas. A escolha dos suportes rochosos, a composição de minerais na fabricação dos pigmentos pré-coloniais, a escolha dos sítios visando proteção, visualidade e acessibilidade, as dinâmicas de ocupações inter-sítios, a constante busca de recursos alimentares, sinalizam as experiências cotidianas dos ancestrais.

Os grafismos rupestres eram produzidos a partir de duas técnicas principais já identificadas, muito presentes em sítios arqueológicos abrigados. As pinturas e gravuras. As pinturas rupestres correspondem a uma "técnica aditiva que consiste na incorporação de películas de pigmentos sobre rocha", (ETCHEVARNE, 2007:105), enquanto as gravuras resultam da técnica de retirada. Quais eram os materiais, instrumentos e procedimentos utilizados nessa técnica de representar figuras, ou seja, de incorporar os pigmentos? As possibilidades de fabricação de pigmentos minerais eram percebidas no cotidiano e permitidas por meio da extração de rochas e minerais, sendo matéria prima fundamental utilizada pelos nossos pintores pré-coloniais, na confecção das figuras, e representação de elementos característicos das técnicas em pintar, expressar suas histórias, visões de mundo e valores de uma memória ancestral deixada para a posterioridade. As artes pictográficas, de uma maneira geral, são formadas por conjuntos variados de representações isoladas ou em conjunto que nos transmite mensagens.

Os grafismos rupestres são provenientes de várias técnicas e instrumentos, utilizados pelos diferentes grupos de pintores. Os arqueólogos não descartam as possibilidades de uso de vários instrumentos e técnicas terem sido empregados num mesmo sítio e, entre eles, por meio da dedução sobre os tipos e formas dos traços e relações intra-inter-sítios. Os estudos procuram fazer vinculações sobre o uso de determinados instrumentos e suas relações com os perfis gráficos, as formas dos traços, acabamento, contornos, preenchimentos e até carimbos. Na Bahia e possivelmente na região do Espinhaço Setentrional, alguns dos instrumentos citados por Carlos Etchevarne teriam feito parte do cotidiano dos nossos pintores.

Assim, pincéis de vários tamanhos, formas e materiais, de pelos de animais, de fibras vegetais e folhas, os dedos e mãos para traços mais largos, ou o uso de pontas de arestas de blocos de hematita, afinados com o objetivo de dar acabamento ou grafar algum detalhe em específico resultando traços bem elaborados. Admite-se ainda o uso de gravetos, finas espátulas e até mesmo pontas de espinhos, possivelmente para traços milimétricos, destaca (ETCHEVARNE, 2007:116). Sobre o traço e o contorno de algumas figuras, curiosamente os motivos zoomorfos recebem um preenchimento total da área desenhada e contornos, facilitando a identificação das representações figurativas, com seu caráter naturalista, caracterizando um perfil gráfico da Tradição Agreste.

Segundo Maria Conceição Soares Lage, em *A conservação de sítios de arte, rupestre*, "os pigmentos provavelmente foram preparados a partir de um processo mecânico de moagem e filtração para eliminar

os cristais de quartzo presentes nas argilas" (LAGE, 2007:96). Destacamos a seguir as cores predominantes encontradas até o momento nos sítios arqueológicos do Espinhaço Setentrional e seus respectivos minerais. De acordo com Maria Lage, os minerais hematita, óxido de ferro rico em cálcio, e o amarelo proveniente da goetita, óxido de ferro hidratado (LAGE, 2007:96), são recorrentes no Piauí, bem como no Espinhaço Setentrional, conforme Carlos Etchevarne. Tanto o vermelho como o amarelo produzem diferentes tonalidades em vermelho nos sítios analisados, desde os mais claros, com os tons alaranjado e escuros, alguns chegando a aparentar um tom roxo.

Etchevarne destaca que a limonita também produz o amarelo (ETCHEVARNE, 2007:120-122). Em seus estudos laboratoriais, Lage não identificou substância orgânica, mas não descarta a possibilidade de existência de ligantes como pigmentos orgânicos, de matéria-prima vegetal ou animal, que possivelmente desapareceram pela longa exposição ao tempo (LAGE, 2007:96). Os painéis apresentam figuras monocromáticas e bicromáticas, produzindo diferentes impactos visuais. As representações rupestres do Espinhaço Setentrional, apresentam o vermelho como uma cor predominante e suas variações, uma reduzida quantidade de figuras com colorações puxando para tons amarelados claros.

Os estudos das composições dos pigmentos não descartam a ação dos processos naturais de transformação, seja pelo processo de deposição de camadas ou redução do óxido de ferro em diferentes ambientes mais e menos aquosos, a descoloração ao longo do tempo e interações com outros elementos que formam depósitos de alterações, matéria estudada por Maria Lage. Nos sítios arqueológicos descritos, não foram observadas sobreposições. Esses pigmentos são obtidos a partir da moagem das rochas, misturas de minerais, como óxido de ferro, com água e possíveis aglutinantes provenientes de hematita e gorduras.

Sítios arqueológicos de arte rupestre no Oeste do Espinhaço Setentrional

Os grafismos rupestres do Oeste do Espinhaço Setentrional, do município de Macaúbas, se destacam pela grande quantidade e diversidade de figuras que se distribuem ao longo dos painéis. Estão localizados em abrigos sob rocha e ao ar livre, em paredes e matacões, ocupando diversos setores do suporte rochoso. As figuras, individuais e em conjuntos, formam painéis. São desenhos antropomorfos, como mãos, semelhantes a carimbos (figura 25), anatomia de corpos, a exemplo dos bonecões (figura 9), os motivos zoomorfos, representando mamíferos

quadrúpedes (figura 24) e aves da família dos pernálticos (figura 23), figuras fitomorfas, simbolizando plantas. Há uma grande variedade de figuras abstratas, que se assemelham aos círculos, áreas, tramas formando superfícies, por meio de linhas tracejadas verticais e horizontais, onduladas, pontilhadas (figura 24), ou em ziguezagues. São vestígios documentais que atestam uma história dos povos da América pré-colonial, em momentos antes e não muito distantes da chegada dos europeus e da colonização do território. As representações rupestres do Espinhaço Setentrional, como veremos a seguir, apresentam correlações com as unidades estilísticas e perfis gráficos que compuseram as tradições Agreste, Nordeste, São Francisco e a Tradição Astronômica/Cosmológica, já sistematizadas no Brasil por diferentes arqueólogos e suas equipes.

O Sítio Arqueológico do Carrapato

O Sítio Arqueológico do Carrapato (figuras 7, 8 e 9) está localizado no povoado de mesmo nome, distante 15 km da sede do município de Macaúbas, Ap. Consta no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos, cadastro feito por Carlos Etchevarne e Josilene Lima, a partir do projeto "Homem e Natureza: Imagens da Arte Rupestre na Bahia". Trata-se de um sítio classificado na categoria unicomponencial, pré-colonial, pois não apresenta sequências de ocupações e superposições. O sítio evolui de forma linear a partir de um regime deposicional em superfície, numa base de vertente, estando a uma altitude aproximada de 696 m a nível do mar. A geomorfologia da Serra do Carrapato é composta por afloramentos rochosos em quartzitos e embasamento do período arqueano

Figuras 7, 8 e 9 – Sítio Arqueológico do Carrapato.



Fonte: Acervo pessoal do autor

O Sítio Arqueológico Pé do Morro

O Sítio Arqueológico Pé do Morro (figuras 10, 11 e 12) localiza-se no povoado de mesmo nome, distante aproximadamente 18 km da sede do município de Macaúbas. A área do sítio se distribui em propriedade público-privada. O sítio consta no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos, feito por Carlos Etchevarne, no âmbito do projeto "Homem e Natureza: Imagens da Arte Rupestre na Bahia". Trata-se de um sítio classificado na categoria unicomponencial, pré-colonial, sem superposições de ocupação.

Conforme a ficha de cadastro no IPHAN, o sítio distribui linearmente em solo rochoso, por meio de um regime deposicional em superfície, numa base de vertente, de 73 m de comprimento a partir do nível do solo, estando a uma altitude aproximada de 621 m a nível do mar. O sítio é considerado de alta relevância, seja como um geossítio ou geopatrimônio, inscrito no Livro do Tombo dos Bens Arqueológicos, no Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC, tendo sido recomendado o georreferenciamento para englobar bens arqueológicos do perímetro do sítio protegido.

Os painéis de pinturas distribuem-se ao longo de um extenso paredão em estrutura arenítica. A região se caracteriza pela presença de solos arenosos, nascentes e cursos d'água intermitentes, como o Riacho do Carrapato, em meio a uma vegetação típica de Savana-estépica, predominando a caatinga. Destaca-se para as espécies xerófitas e cactáceas espinhosas, adaptadas ao clima semiárido, a exemplo da Serra do Carrapato.

Figuras 10, 11 e 12 – Sítio Arqueológico Pé do Morro, círculos, traços e pontos.



Fonte: Acervo pessoal do autor

O Sítio Arqueológico Ponta do Morro

O Sítio Arqueológico Ponta do Morro está localizado na serra de mesmo nome, distante 450 m do Riachão da Ponta do Morro, com uma distância aproximada de 10 km, ao norte do município. De acordo com o Cadastro Nacional de Sítios, feito por Fernando Antônio Bonetti, no âmbito do projeto: “Estudos Arqueológicos Vale do Rio Paramirim”, o sítio está representado em um lajedo frontal, apresentando uma ampla visão panorâmica. Classifica-se na categoria multicomponencial, pré-colonial. Não foram observadas sequências de ocupações e ou superposições. Os grafismos se distribuem, ocupando uma extensa parede, que mede 10 m de comprimento por 2 m de largura, com altura de 3 m a partir do nível do solo, em sua estrutura rochosa. Trata-se de um abrigo sob rocha. Sua topografia se caracteriza por uma implantação linear em uma meia encosta.

O Sítio Arqueológico do Pajeú

O Sítio Arqueológico do Pajeú, está distante aproximadamente 09 km e ao norte do município, numa propriedade privada. Consta no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do IPHAN, cadastro feito por Carlos Etchevarne e Josilene Lima, no projeto já aludido. Trata-se de um sítio de arte rupestre, com grafismos em um abrigo sob rocha que recebe parcialmente a luz solar, classificado na categoria unicomponencial, pré-colonial, não apresenta ocupações ou superposições. O sítio evolui de forma linear a partir de um regime deposicional em superfície, numa base de vertente, estando a uma altitude de 695 m a nível do mar.

Destacamos um conjunto expressivo de representações pictográficas bicromáticas, destacando as cores vermelho em tons claros, escuros e o amarelo, que se concentram no setor abrigado, nas paredes internas, externas e no teto. O conjunto das figuras destaca-se pelos motivos antropomorfos, zoomorfos, animais quadrúpedes da família dos mamíferos, lagartos e talvez artrópodes, peixes e aves da família dos pernálticos. Outro grupo expressivo de figuras abstratas é formado por linhas tracejadas em zigue-zague, pontos e círculos, áreas quadrangulares e retangulares, tramas com linhas internas, compondo um rico e diversificado painel que apresenta semelhanças com a Tradição Nordeste, seja pelo tamanho das figuras. Parece que as figuras não estão soltas, mas, ligadas por linhas que fazem uma espécie de rede de ligações e transmissões de um conjunto de cenas que narram a história dos mundos nativos na América Pré-colonial, por meio de cenas de caça e rituais com representações figurativas naturalistas e abstratas.

O sítio Arqueológico da Lagoa do Mato

O sítio Arqueológico da Lagoa do Mato, dista aproximadamente 14 km da cidade. Cadastrado por Fernando Antônio Bonetti Tavares, no âmbito do projeto: *"Estudos Arqueológicos Vale do Rio Paramirim*", classifica-se na categoria unicomponencial, pré-colonial, não sendo observadas superposições gráficas. Situa-se numa sequência de afloramentos rochosos e se destaca pelas representações gráficas e interpretações por parte de um grupo de arqueólogos que trabalham com a vertente da arqueoastronomia, a exemplo de Maria Beltrão, Fernando Bonetti, Luiz Galdino, entre outros. Sítios como Pedra do Ingá, da Tradição Itacoatiara, são um marco dos estudos sobre esses grafismos de conotação astronômica. De acordo (GALDINO, 2011:12):

> A arqueoastronomia é a disciplina que permite conhecer a astronomia antiga, a partir da pesquisa arqueológica. Paralelamente, a etnoastronomia permite-nos levantar um conhecimento da mesma ordem através da etnologia. Ou seja, através do estudo das tradições e mitos de povos primitivos.

Os autores, como Fernando Bonetti e Luiz Galdino, consideram ser um sítio de observação astronômica devido à presença de marcadores, tipo setas vetoriais, que podem indicar "um marcador solsticial em forma de janela", (GALDINO, 2011:73), conforme a (figura 13) marcador solsticial em forma de janela, no Sítio A. Lagoa do Mato, Macaúbas, Bahia. O sítio é um abrigo sob rocha com uma reentrância ou cavidade de comprimento reduzido, com implantação em um topo, que evolui de forma linear em solo arenoso, medindo aproximadamente 50 m de comprimento, 10 m de largura e 6 m de altura a partir do nível do solo, a uma altitude de 580 m a nível do mar, apresentando uma ampla visão panorâmica, estando a 3.500 m do Riacho.

Figura 13 – Marcador solsticial em forma de Janela.
Sítio A. Lagoa do Mato. Foto: Fernando Bonetti.



Fonte: (GALDINO 2011:73).

As representações gráficas do Sítio Lagoa do Mato se destacam pelo aspecto das suas linhas abstratas. Os registros apresentam possivelmente temáticas astronômicas em seus painéis, a exemplo do setor do teto e figuras externas (figuras 14, 15 e 16). São linhas, setas/vetores com a função de marcadores ou indicadores de solstícios. De acordo com Luzi Galdino, na publicação *A astronomia indígena*.

Figuras 14, 15 e 16 – Representações gráficas
do Sítio Arqueológico Lagoa do Mato.



Fonte: Autor: 2020

O sítio se destaca pela singularidade desses sinais, com uma grande quantidade de figuras abstratas. Podemos observar as linhas onduladas, traços, pontos, áreas formando campos, superfícies com uma trama de linhas verticais e horizontais, linhas marcadoras de contagem de tempo, de eventos solis-lunar e possivelmente calendários. Há um destaque para uma geometrização com temas ligados à astronomia.

Por suposto, aquelas representações gráficas provavelmente narram fenômenos astronômicos, apresentando o conhecimento astronômico que os pretéritos possuíam, como a observação, movimento e a posição dos astros, a relação destes com os fenômenos astronômicos,

solstícios, equinócios, lunação. Esses sítios arqueológicos nos fazem pensar sobre as dinâmicas espaciais intra-inter-sítios, as dispersões populacionais e suas motivações. Dos homens caçadores-coletores aos homens agricultores, estes passaram a lidar, segundo (GALDINO, 2011:21), com as variações climáticas, com a direção de ventos e chuvas, secas, frio e calor, a produção de alimentos, sua garantia e sobrevivência, seja a reprodução de plantas e animais.

Para isso, passaram a fazer observações corriqueiras e sistemáticas nos céus (figura 17), provável registro de calendário no município de Jusiape-Bahia, leste do Espinhaço Setentrional, Chapada Diamantina. (figura 18) calendário anual de 12 ou 13 meses, associado ao sol poente, no município de Central-Bahia. (figura 19), representação da Via Láctea (Tapirapé) no município de Xique-Xique-Bahia, sobre os movimentos da lua e do sol, as estrelas e planetas; daí surgiram desde a antiguidade os calendários, a partir da identificação de estações e ciclos.

Figura 17 – Calendário em Jusiape, Bahia.
Figura 18 – Calendário no município de Central-Bahia.
Figura 19 – Via Láctea, município de Xique-Xique-Bahia.



Fonte: GALDINO 2011:40; GALDINO, 2011:41; GALDINO 2011: 59.

Os grafismos rupestres e suas correlações tradições arqueológicas no Brasil

É interessante observar na literatura especializada sobre a arte rupestre o método das análises e descrições dos grafismos por meio das correlações intra e extra-sítios e seus respectivos painéis, condição importante para observações sobre os perfis gráficos, unidades estilísticas das tradições arqueológicas no Brasil, dos distintos grupos humanos pré-coloniais que habitaram a região. As técnicas observadas, como os traços, contornos, formas, preenchimento, cores, motivos representados, localização no sítio e no painel, densidade pictórica, entre as figuras reconhecíveis, constituem fundamentos gerais e básicos nos estudos de arqueologia brasileira, a exemplo do trabalho: Imagens da Pré-história – *Parque Nacional da Serra da Capivara*. Esse método prevê o isolamento

e a segregação desses grafismos, ora individuais ou em grupos, para estudos das correlações. “Os registros gráficos são vestígios arqueológicos com valor de materialidade e técnica, “produto gráfico” que dimensiona a cultura imaterial”, Péssis, (2003, p. 54), ou também denominada pela autora como “prática gráfica”.

Segundo Gabriela Martin, o conceito de tradição pode ser entendido como uma: “Representação visual de todo o universo simbólico primitivo que pode ter sido transmitido durante milênios sem que, necessariamente, as pinturas de uma tradição pertençam aos mesmos grupos étnicos além do que poderiam estar separadas por cronologias muito distantes” (MARTIM, 1996:214). O acervo local destaca-se por concentrar conjuntos pintados da Tradição Agreste. De acordo com Carlos Alberto Santos, Caldeirón concebia uma “tradição calcada no realismo”, depois a redefiniu como “tradição naturalista-simbolista” (COSTA, 2012:12). Para André Prous, ‘tradição’ pode ser entendida como uma permanência, que pode ser observada no fazer cultural e das temáticas pintadas, ou como percebida por meio das diferenças ou semelhanças. Segundo André Prous, corroborando com outros autores, diz que há uma mistura nas diferentes representações culturais que pressupõe o conceito de sobreposição, a exemplo das tradições Agreste e suas misturas com a Tradição Nordeste e São Francisco.

A Tradição Nordeste

Sobre a Tradição Nordeste e tomando de empréstimo a noção dada por Anne Pessis, essa tradição pode ser interpretada como uma unidade cultural, perfil ou identidade gráfica, caracterizada por determinadas técnicas e tipos imagéticos representativos (PESSIS, 1994:285-87).

Figura 20 – Linhas e pontos.
Figuras 21 e 22 – Zoomorfos, Sítio Arqueológico Pajeú.



Fonte: Acervo pessoal do autor

De acordo (GUIDON, 1992: 44-45), “nessa tradição os grafismos são em sua maioria reconhecíveis, grandes demais ou muito pequenos, mas, um pequeno universo dos “grafismos puros” ou “unidades de um código que somente os autores possuíam a chave”. As pinturas, de acordo

com Guidon, parecem contar uma história, uma crônica social do cotidiano dos grupos humanos pretéritos (SOUSA, 2020:62).

A Tradição Agreste

Sobre a Tradição Agreste, de acordo com André Prous, é uma unidade cultural típica do sertão nordestino, foi largamente estudada e sistematizada por Alice Aguiar[5] e Gabriela Martín. De modo geral, os grafismos rupestres se caracterizam por figuras antropomorfas e zoomorfas bastante "toscas", do período pós-nordeste e no Piauí e Pernambuco (PROUS, 2007:35). Corroborando com Gabriela Martín, Guidon destaca que a definição dessa unidade estilística é imprecisa; os painéis apresentam figuras isoladas (figura 24) ou em pequenos conjuntos, onde uma ou duas grandes figuras de grafismos zoomorfos (figura 23), figuras em carimbos, como as impressões de mãos (figura 25) e conjuntos de pontos (PROUS, 2007:35).

Figuras 23 e 24 – Figuras zoomorfas.
Figura 25 – Antropomorfas (carimbos), Sítio Pé do Morro.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Contrariando a ideia de "tosco", a (figura 23) é um belo exemplar de perfeição nos traços e no efeito plástico, a perspectiva, em que o animal parece estar sendo representado em seus movimentos anatômicos. Nos sítios arqueológicos do Espinhaço Setentrional, podemos contemplar esse universo agreste. Os grafismos rupestres agrestes "costumam inserir-se no meio de manifestações de outras tradições, sendo, por vezes, difícil separá-los dos demais", (PROUS, 2007: 35).

A Tradição São Francisco

A Tradição São Francisco foi sistematizada pelo arqueólogo André Prous, que estabeleceu projetos arqueológicos na região Norte de Minas Gerais, mais precisamente no Vale do Peruaçu e Montalvânia. Segundo

[5] AGUIAR, Alice. Tradições e estilos na arte rupestre no Nordeste brasileiro. CLIO, nº. 05, UFPE, Recife, 1982.

o pesquisador, essa unidade gráfica parece ter se expandido ao longo do rio São Francisco, nos estados da Bahia, Goiás e Tocantins, chegando a influenciar parte do Piauí (PROUS, 2007:29).

Figuras 26 e 27 – Instrumentos, Tradição São Francisco, Sítio A. Ponta do Morro.
Figura 28 – Figura bicromica: sequência de linhas verticais e horizontais.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Essa tradição cultural se caracteriza por apresentar grafismos geométricos bicrômicos (figura 28) e policrômicos, objetos que se assemelham a armas, propulsores e objetos utilitários (figuras 26 e 27), que parecem dominar as representações (PROUS, 2007:29). As figuras são complexas, a exemplo dos "cartuchos"; segundo Prous, são grandes figuras elipsoidais bicrômicas (PROUS, 2007:29). Além de Minas Gerais, diz que uma de suas fácies encontra-se no sudoeste da Bahia, a exemplo do Morro da Lapinha, estudado por Loredana Ribeiro. Nos sítios do Espinhaço Setentrional, foi possível contemplar essa cultura, nos sítios da Ponta do Morro, Pé do Morro e Lagoa do Mato.

A Tradição Geométrica

A Tradição Geométrica se caracteriza pela representação de grafismos abstratos, como linhas, retângulos, círculos concêntricos, em espirais, quadrados e retângulos. Nídede Guidon, ao se deparar com uma grande quantidade e diversidade desses signos, sugeriu a denominação de motivos geométricos. Essa interpretação para esse tipo de grafismo é, por vezes, simplista e problemática, devido ao seu caráter abstrato. Esses grafismos estão presentes em todas as tradições aqui descritas. Não há uma sistematização e classificação, tão pouco sobre contextos de espaço-ambientais.

Enquanto as figuras das demais tradições, a exemplo dos motivos naturalistas, são descritas e classificadas em modelos esquemáticos. As figuras associadas a formas geométricas obedecem a generalizações,

pois não há modelos descritivos e interpretativos para as figuras geométricas (SOUSA, 2020:65). De acordo com Carlos Etchevarne, foi Valentín Caldeirón, responsável pelas primeiras informações sobre essa tradição, ao descrever círculos e espirais na Chapada Diamantina, Bahia, denominando-os como uma Tradição Realista Simbolista. Para esse autor, essa categoria poderá ocultar narrativas e aspectos naturais e simbólicos, como as cosmogonias entre o real e o sobrenatural. A esse respeito, a impossibilidade de definir o conteúdo simbólico é uma regra geral para o universo dos grafismos rupestres, ou seja, as leituras e descrições são feitas sempre com restrições.

Assim, linhas e traços, horizontais, paralelas e transversais, pontilhadas, curvas, onduladas, em zigue-zague, parecem formar áreas e superfícies, semelhantes a grades, pentes, círculos concêntricos, triângulos, losângulos, gerando figuras regulares e irregulares, campos ora preenchidos, ou contornados (ETCHEVARNE, 2007:138-142). Esses grafismos parecem fazer ligações e conexões entre as figuras, intencionando uma comunicação. Maria Beltrão já estudava esses grafismos nos anos 1970, segundo a pesquisadora, que possuem um caráter indecifrável. Se nas demais tradições muitos conteúdos simbólicos são compreensíveis, há uma dubiedade e indefinições na Tradição Geométrica. Nas (figuras 29, 30, 31 e 32), podemos observar parte de uma diversidade de grafismos representando linhas, traços e áreas, como nos sítios arqueológicos Pajeú, Ponta do Morro e Pé do Morro. Os grafismos geométricos foram observados em todos os sítios arqueológicos do campo desta pesquisa, apresentados neste trabalho.

Figuras 29, 30, 31 e 32 – Sítios Arqueológicos Pajeú, Ponta do Morro e Pé do Morro.



Fonte: Acervo pessoal do autor

A Tradição Astronômica ou Cosmológica

Na década de 1980, no âmbito do Projeto Central, no Estado da Bahia, Maria Beltrão sistematizou a Tradição Astronômica; em seguida, ela mesma rebatizou-a de Tradição Cosmológica, (figura 18). Analisando

à época uma série de conjuntos de expressões gráficas de conteúdo geométrico, dizia que tais pinturas apresentavam ligações astronômicas com o mundo mágico-religioso. Consultando astrônomos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Beltrão fez novas avaliações no Sítio Arqueológico da Toca do Cosmos e da Toca do Búzios, e sugeriu que círculos concêntricos cujas posições no teto e suas prováveis marcas de contagem, representariam calendários solares-lunares. Assim, reclassificou os grafismos como referentes a Tradição Cosmológica (SOUSA, 2020:66). Analisando essa tradição, Prous diz que esses grafismos "parecem representar corpos celestes (sol, lua, cometas, estrelas)" (PROUS, 2007:31).

Essas figuras estariam associadas com linhas em zigue-zague, pontos, lagartos. Para as observações em sítios de Montalvânia, Prous, explica que "os painéis mais típicos ocupam o topo de grandes elevações, decorando tetos que podem ser uma evocação do céu", (PROUS, 2007:31) (figuras 17 e 19). Para o Sítio Arqueológico da Lagoa do Mato, o pesquisador Fernando Bonetti observou linhas, setas e círculos que indicam ser um sítio de observação astronômica dos grupos humanos pretéritos na Bahia pré-colonial (figura 36). Essas figuras aparecem em representações do sítio Arqueológico da Ponta do Morro (figuras 33, 34 e 35). Conforme esses estudos, amparados no conceito de tradição cultural, perfil gráfico e unidades estilísticas, no campo da arqueologia, as reflexões desenvolvidas para classificação e interpretação de artefatos líticos passaram a subsidiar a categoria das artes rupestres.

Assim, foi possível produzir um diálogo e observações sobre essas perspectivas para o tratamento e leituras para o modelo técnico-pictórico nas representações rupestres[6]. Nessa direção, as ideias de regularidade e irregularidade das figuras, suas recorrências e sobreposições, nos indicam o aprimoramento das pesquisas e documentação arqueológica, sobre perfis gráficos e seus aspectos gerais característicos, como traços finos ou largos, figuras grandes, e, às vezes, pequenas, de tamanhos desproporcionais, bem elaboradas ou "toscas", compõem aspectos para os diálogos sobre os grafismos classificados nas Tradições Nordeste, Agreste, São Francisco, Geométrica e Astronômica/Cosmológica.

[6] Na atualidade, destacamos as novas tendências de tratamento da imagem rupestre, a exemplo da técnica de vetorização de imagens.

Figuras 33, 34 e 35 – Sítio Arqueológico da Ponta do Morro.
Figura 36 – Sítio Arqueológico da Lagoa do Mato.



Fonte: Autor, 2020.

Considerações Finais

A conservação dos sítios arqueológicos de arte rupestre no Oeste do Espinhaço Setentrional nos traz muitas implicações. As intervenções nos sítios necessitam de três ações fundamentais. A primeira seria o desenvolvimento de projetos de pesquisa, visando à ampliação das investigações, de uma maneira geral, sobre o caráter dessa arte e a elaboração de diagnósticos do estado de conservação. Outro conjunto de ações deve partir das ferramentas para a documentação dos grafismos rupestres, como a criação de um banco de dados composto por um acervo de imagens, livros e textos. A terceira ação, tendo como embasamento as duas primeiras ações, seria o desenvolvimento de projetos de gerenciamento e monitoramento dos sítios arqueológicos, visando levantar dados para ações de conservação, sistematização, classificação, caracterização e intervenções. Cabe destacar as pesquisas bibliográficas e documentais e revisão de literatura especializada.

A manutenção dessa cultura material e visual nos importa e impõe o reconhecimento desta categoria de expressão das artes plásticas, gráficas e visuais, como técnica e saber fazer, vestígios remotos, parte da ancestralidade dos grupos humanos pré-coloniais, seus sinais e marcas deixados. Na perspectiva da arqueologia local e regional, ainda nos faltam mais trabalhos voltados para a região em tela, no que concerne à pesquisa, documentação e conservação dos sítios com grafismos rupestres. É preciso mitigar os danos provocados pelas intempéries, como a formação dos fundos de alteração no suporte das rochas, raízes, pressões, desplacamentos e limpeza. Os grafismos se encontram em processo de degradação, seja pelas ações naturais, ou por meio das ações antrópicas, como as ações deliberadas de pichações, como a descaracterização dos grafismos, resultado das tensões e transgressões na arte rupestre.

O que essas ocupações humanas pretéritas nos deixaram de herança ancestral? O exercício de leitura da arte visual rupestre nos possibilita elaborar reflexões sobre essas ancestralidades. As formas de ocupar os espaços, as relações homem-natureza e as técnicas de elaboração de pigmentos, o repertório técnico, artístico e simbólico, que nos permite conjecturar fatos cotidianos, como rituais de caça ou observação astronômica. Estudar as paisagens pretéritas do ponto de vista do saber, fazer e viver implica em uma história ancestral, uma história que perpassa a produção de conhecimento que deve ter por fio condutor os condicionamentos das fontes para essa história, implicando em imaginação, suposições e possibilidades.

A diversidade dos perfis e unidades gráficas, analisadas aqui e do ponto de vista da ideia de tradição cultural, aponta para a importância das relações intra-inter-sítios, e sobre as dinâmicas das populações que transitaram e se dispersaram entre distintos espaços com suas formas de interação, imigrações, a formação de assentamentos humanos temporários e que representam importantes ensaios de sedentarização. A leitura dos grafismos, suas formas, traços, contornos, preenchimento, cores, posição nos painéis e expressos nos abrigos sob rocha, suas descrições, classificações e correlações, têm sido exercícios, dentre outros, fundamentais na agenda dos pesquisadores ao longo das décadas. Nessas acepções acerca das ocupações pretéritas no Espinhaço Setentrional, as investigações devem ter por linha de investigação as ligações históricas desse paleoespaço com os processos migratórios, suas diferentes etapas e dinâmicas circunscritas na pré-história da América, os capítulos sobre as dispersões de grupos humanos pelo Sudeste do Piauí, no Planalto Central, no Sul e Vale do rio São Francisco, desde as terras baixas da América do Sul.

O trabalho nos mostra como podemos avançar no estudo das tradições culturais no amplo espectro da arqueologia brasileira, e as correlações com o estudo das particularidades regionais, sistematizando um conhecimento sobre os sítios arqueológicos. Considerar a arte rupestre, parte de uma ancestralidade, se coloca como um aspecto central para sua conservação, implicando todos os seus valores históricos, artísticos, as técnicas de abrigar, pintar e de prover suas necessidades como caçadores-coletores, agricultores, astrônomos, a transmissão de conhecimentos, de práticas rituais e mitos de fundação das sociedades, diversificados grupos humanos.

Façamos algumas considerações gerais e preliminares para o estudo sobre a arte rupestre no Oeste do Espinhaço Setentrional. As técnicas empregadas na preparação e adição dos pigmentos; os diferentes tipos de instrumentos criados e adaptados pelos pintores;

a escolha dos suportes rochosos e setores; a construção de painéis com figuras individuais e em conjunto; estudo dos traços, contornos e formas; leitura das cores; os motivos pintados, tipos, formas e dimensões; a leitura de conceitos como o de unidades estilísticas, perfis, práticas e identidades gráficas, estilo, tipo e tradição; desenvolvimento de trabalhos de georreferenciamento dos sítios, caracterização da geologia local; aplicação de ferramentas digitais no tratamento e vetorização das imagens; a ideia de ancestralidade e herança material e imaterial; estado de conservação; intervenções e mitigação de danos. A iminência da perda da imagem visual e a impossibilidade de contar a história da América pré-colonial, justificam as investigações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAXITO, *et. al.,* A geologia entre Macaúbas e Cantiba (Bahia) e a evolução do Supergrupo do Espinhaço no Brasil Oriental. Geonomos, Belo Horizonte, v. 16, n.1, p.11-20, 2008.

COSTA, Carlos Alberto Santos. Representações rupestres no Piemonte da Chapada Diamantina – Bahia, Brasil. 2012. 477f. Tese (Doutorado) – Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra, 2012.

ETCHEVARNE, Carlos. Escrito na pedra: cor, forma e movimento nos Grafismos rupestres da Bahia. Prémio Clarival do Prado Valladares – 2007. Fundação Odebrecht, Rio de Janeiro: 2007.

ETCHEVARNE, Carlos. Arqueologia, um caminho para a arte rupestre: representações gráficas encontradas em abrigos, lajedos e paredões rochosos. Salvador: Bahia Arqueológica/UFBA/SEMMA.

GALDINO, Luiz. A astronomia indígena. São Paulo: 1ª Edição, Nova Alexandria, 2011.

GUIDON, Niéde. As ocupações pré-históricas do Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). História dos índios do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GUIMARÂES, J.T. *et. al*., Projeto Igaporã – Macaúbas: geologia e recursos minerais. Salvador: CPRM, 2019.

GONÇALVES, Jonas Rodrigues. Manual de Artigo de Revisão de Literatura. Brasília: Instituto Processus, 2021. (Coleção Trabalho de Curso, v. II).

LAGE, Maria Conceição Soares Meneses. A conservação de sítios de arte rupestre. In: Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. (Org.). Tânia Andrade de Lima. Brasília: Revista do IPHAN, n. 33, 2007. pp. 95-107.

MARTIN, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil. Recife: Ed. UFPE, Recife, 1996.

MEDEIROS, K.O.P. De. Estratigrafia de sequências do Supergrupo do Espinhaço na região entre Macaúbas e Canatiba – Bahia. 2023. (dissertação) Universidade Federal da Bahia – Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Salvador, 2013.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A Arte no período pré-colonial. In: História Geral da Arte no Brasil – Vol. I (org.). Walter Zanini – São Paulo: Instituto Wlater Moreira Salles/Fundação Djalma Guimarães, 1983.

PESSIS, A-M. Registros rupestres: perfil gráfico e grupo social. Revista de Arqueologia, São Paulo, 8(l):283-289, 1994.

PESSIS, A-M. Imagens da pré-história: Parque Nacional da Serra da Capivara. [s.l.]. FUNDHAM, Petrobrás, 2003.

PROUS, André. Arte pré-histórica do Brasil. Belo Horizoante: C/Arte, 2007.

SCHOBBENHAUS, C. As trafogêneses superpostas espinhaço e Santo Onofre, Estado da Bahia: revisão e novas propostas. Revista Brasileira de Geociências. [s.l.]. v. 26, n. 4, p. 265-276, dez. 1996.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estela Muszkat. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. 4ª ed, Florianópolis, 2005.

SOARES, Ana Karine de Araújo. Revisões da Literatura: Diferenças, Métodos e Aplicações. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences Volume 7, Issue 11 (2025), Page 982-1005.

SOUSA, José Antônio de. Paisagens da Pré-História do Nordeste do Brasil: documentação dos grafismos pictóricos em sítios arqueológicos do Espinhaço setentrional e Chapada Diamantina Meridional. Macaúbas – Bahia. (TCC) – Universidade Federal de São João Del Rei – Programa de Pós-graduação em História, São João Del Rei – MG, 2020.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Centro Nacional de Arqueologia do IPHAN/CNSA. **Sítio Arqueológico do Carrapato**. Org. Carlos A. Etchevarne. 2007 (cadastro). Disponível em: https://sicg.iphan.gov.br/sicg/bem/visualizar/18360# Data de acesso em 12/09/2026.

Centro Nacional de Arqueologia do IPHAN/CNSA. **Sítio Arqueológico do Pajéu**. Org. Carlos A. Etchevarne. 2007 (cadastro). Disponível em: https://sicg.iphan.gov.br/sicg/bem/visualizar/18358 Acesso de 12/09/2026.

Centro Nacional de Arqueologia do IPHAN/CNSA. **Sítio Arqueológico Pé do Morro**. Org. Carlos A. Etchevarne. 2007 (cadastro). Disponível em: https://sicg.iphan.gov.br/sicg/bem/visualizar/18361 Data de acesso em 12/09/2026.

Centro Nacional de Arqueologia do IPHAN/CNSA. **Sítio Arqueológico Ponta do Morro**. Org. Fernando A. Bonetti. 2009 (cadastro). Disponível em: https://sicg.iphan.gov.br/sicg/bem/visualizar/18359 Data de acesso em 12/09/2026.

Centro Nacional de Arqueologia do IPHAN/CNSA. **Sítio Arqueológico de Lagoa do Mato**. Org. Fernando A. Bonetti. 2009 (cadastro). Disponível em: https://sicg.iphan.gov.br/sicg/bem/visualizar/17941 Data de acesso em 12/09/2026.